

ENSINO DE LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA: UMA ATIVIDADE DO PIBID PARA ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiane Ribeiro Albres
crisalbres@hotmail.com

Clara Ramos Pedroza
claralibras@gmail.com

Alessandra Souza da Cruz Daniel
alessandra_libras@yahoo.com.br

Resumo:

O ensino de Libras passou a ser ofertado após o reconhecimento linguístico com a Lei de Libras nº 10.436/02 e o Decreto nº 5626/05 que regulamenta esta Lei. Assim com as conquistas e desafios vivenciados no processo de inclusão atendendo a todos, o campo educacional está possibilitando em escolas inclusiva a oferta da língua de sinais para os profissionais da educação, ainda um processo inicial de oferta pois a prefeitura de Campo Grande, realiza em algumas escolas, a oficina de libras para seus profissionais e existem ações isoladas do ensino da Libras para alunos matriculados na rede. Como uma das ações do PIBID Letras/Libras realizamos o projeto de oferecimento da disciplina de Libras para estudantes da educação Infantil com o foco de propiciar o uso e difusão da Libras para crianças a partir de cinco anos de idade.

Palavras-chave: Libras, ensino, educação infantil.

1. Introdução

O presente relato apresenta o fruto de um trabalho que está sendo desenvolvido em uma escola municipal do município de Campo Grande, para os alunos da Educação Infantil desenvolvidas como uma ação do PIBID para o ensino de Libras aos alunos da Educação Infantil. O projeto teve início no 2º semestre de 2016, dando continuidade em 2017 em sala de aula de Educação Infantil com 25 alunos frequentes com idade escolar entre cinco a seis anos. O objetivo do relato é apresentar análises referentes à descrição no ensino e conhecimento de língua de sinais para crianças ouvintes, percebendo como ocorrem essas aprendizagens e a forma de interação lúdica entre professores e alunos na Libras.

A construção do relato deu-se pelo método de coleta de dados, com a aplicação dos instrumentos e técnicas estabelecidas no ensino da Língua de sinais. As atividades aconteciam sempre às sextas feiras como duração de 1h/a e após as aulas, as ministrantes sentavam para discutir o planejamento, estudo e registro das atividades que deveriam ser apresentada nas próximas aulas. Foram construções coletivas e processuais entre as alunas do PIBID e professora regente da turma que sempre acompanhou as atividades ministradas.

Na turma de alunos existem crianças que já convivem com pessoas surdas (parentes e vizinhos), o que as deixou mais motivadas em saber que teriam aulas com professor surdo para aprender a língua de sinais.

Na primeira apresentação levou-se em consideração a proposta solicitada pela professora regente, que sugeriu a possibilidade de aliar o conteúdo ministrado ao ensino de Libras, com a condição do mesmo ser dado de maneira lúdica, uma vez que as crianças se encontram em processo de alfabetização¹ e, de certa forma, estariam também

¹ Com relação à palavra alfabetização, Quadros (2000) coloca que é um conceito muito mais amplo que a ideia popular de decifração do código escrito, envolvendo um processo que resulta da interação com a língua e com o meio, e explica: (...) “Quando usamos o artigo definido “a língua” e “o meio”, estamos nos referindo à língua e ao meio que a criança surda interage, ou seja, a LSB e pessoas que usam essa língua. ” Assim, o grande desafio da pré-escola é instrumentalizar a criança, seja ela ouvinte ou surda, para o domínio do código linguístico, seja fala ou sinal.

sendo alfabetizadas em Libras, já que para melhorar o nível de aprendizagem não é só agir sobre, mas interagir com meio.

A primeira ideia era perceber o quanto as crianças sabiam sobre Libras e para tanto realizamos uma conversa informal nos apresentando ao grupo de alunos que estavam curiosos conosco e de sobre maneira com a professora surda. Essa rotina de visualizar o profissional interprete já existe na escola, mas não há uma oportunidade de comunicação real, nem mesmo com os estudantes surdos incluídos, pois os mesmos são estudantes da educação básica o que implica em horários de intervalos diferenciados. Estar em sala de aula com duas professoras de libras despertou ainda mais o interesse das crianças que queriam aprender, já de início, algumas palavras.

Como no grupo já existem crianças com noção de cumprimento em Libras esse primeiro contato foi muito tranquilo, pois queriam mostrar o que sabiam, o que levantou o interesse de outras crianças. Durante o processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças na faixa etária da educação infantil, o lúdico, as brincadeiras e o interesse por novas aprendizagens são fundamentais, pois são desprovidas de medos e vergonhas, quando instigadas lançam-se ao desafio e não veem o sujeito surdo como um sujeito deficiente no sentido pejorativo, mas como um sujeito que se comunica de forma diferente e esse “gesticular”, mover de mãos no espaço é algo que chama a atenção e curiosidade em saber o que aquele sujeito esta falando.

Sabe-se que a linguagem é uma ferramenta social e sua interação com o outro permite aos sujeitos expressar ideias, sentimentos e pensamento para desenvolver seu potencial linguístico. O entusiasmo externado por essas crianças, em particular, contagiou os demais na vontade de aprender a Língua de Sinais brasileira, já que conheciam alguns sinais básicos de comunicação, como por exemplo, para realizar um cumprimento.

Ao oportunizar as crianças que possam expor suas ideias sobre a língua de sinais possibilitamos autonomia de interagir com o seu próprio conhecimento. O que nos leva acreditar que o conhecimento é resultado de interações e da elaboração do seu próprio pensamento e de como ele se aplica em seu cotidiano pela interação das crianças. Todo sujeito precisa de trocas interpessoais para adquirir conhecimento sendo esse um processo interativo e coletivo travando negociações de sentido através da língua que faz a mediação com a cultura. A cultura usa a linguagem para estabelecer sentido “das coisas” e a compreensão da coisa, através dos símbolos, da linguagem.

Após esse primeiro contato com as duas turmas estávamos diante de um pequeno dilema: como iniciar nossas aulas partindo do interesse das crianças, mas que ao mesmo tempo contemplasse o conteúdo, conforme a solicitação da professora regente? Em reunião pedagógica foi sugerido pela professora que partíssemos do alfabeto, porque também era de conhecimento da regente. Abro aqui um parêntese, pois as pessoas ainda acreditam que para aprender Libras devemos partir do alfabeto manual, pois é assim que a Libras é apresentada no curso básico. Por onde começar? O que uma criança em início de idade escolar gosta? Foi então que surgiu a ideia do ensino das vogais através da música, mas esse gênero textual não é próprio do sujeito surdo, a música é do mundo de ouvinte, da cultura de ouvinte. É fato de que toda aprendizagem se dá melhor quando respeitamos o interesse do sujeito, pois essa aprendizagem torna-se mais significativa.

Levamos em consideração ao escolher a música,² as discussões realizadas na disciplina de metodologia do ensino de libras como L₂ do curso de letras libras em que nos mostra a importância de que o ensino de uma língua está relacionado à interação entre língua e cultura dentro de uma estrutura de ideias, valores e costumes das línguas envolvidas, deve-se estabelecer uma conexão entre elas, assim como as crianças ouvintes aprendem a ler o texto no processo de alfabetização, agora irão aprender a ler sinais, o vídeo sinalizado e construirão seus saberes.

2. Metodologia

Para o ensino da Libras nos utilizamos dos recursos midiáticos na elaboração das atividades, retiramos um vídeo do Youtube em que a música possui legenda e em seguida realizamos a tradução e anexamos ao vídeo baixado, o que possibilitou as crianças ouvir, ler e ver em ambas as línguas.

Nos anos de 1980, demonstrou-se que crianças surdas expostas a formas sinalizadas de inglês tendem a inovar para Sinal, e que crianças ouvintes que adquirem Sinal melhoram a leitura por aumento da capacidade de reconhecer

² “Quando, porém, o cérebro interage com o mundo de estímulos da sua cultura (a música, os tipos de escrita etc.), o cérebro aciona, então, uma dinâmica funcional específica.” (MECACCI, 1986, p.41) O cérebro humano, por sua plasticidade, é moldável, sendo que é durante a infância que ele inicia seu processo digamos assim de ‘instalação de sistemas operacionais’, construindo o que Vygotsky denominou de ‘formação social da mente.

formas de palavras e letras.” (GOMES, in FORUM do INES, 2006)



1. Figura

1. Figura: sinalizando contextos da história



2. Figura

2. Figura: apresentação das configurações de mãos

Em seguida repetíamos os sinais para que fossem copiados e aprendidos para que os estudantes pudessem “cantar” a música em libras seguindo novamente o vídeo. Nas aulas subsequentes realizamos variação de atividades ainda com a mesma música que foi explorada através de ditado desenhado, roleta surpresa entre outras atividades.

Buscamos com essas atividades partir de elementos significativos para a criança ouvinte proposta uma abordagem comunicativa e bilíngue onde parte-se da construção já elaborada pela criança da sua própria língua e acrescenta uma segunda língua – libras. Vivemos imersos num mundo de escrita e imagem como explicitado por Bajard:

Quando o mediador mostra as páginas do álbum, o conjunto gráfico imagem/texto se deixa conquistar pelos olhos das crianças analfabetas. A matéria gráfica do texto desde então cumpre seu papel de matéria a ser lida. Simultaneamente, a voz do mediador revelando o texto sonoro vincula-se ao conjunto de ilustrações/texto gráfico mediante a “exposição” do livro....

Em outras palavras a criança encanta-se pelo o que o mediador está narrando, contando, e como não se encantar, ser seduzido, pelas mãos daquele que narra na língua espaço-visual. Ler o texto na língua visogestual é ler com outro olhar o mesmo texto, nesse processo o papel de mediador do professor é fundamental, pois leva a criança a explorar e a interagir com outro, com o mundo, e com si mesmo explorando o seu potencial.



3Figura



4. Figura



5. Figura

6. Figura

3. **Figura:** Apresentação da história com recurso de DataShow “Quem mora na casinha”
4. **Figura:** Trabalhando vocabulário de sinais dos personagens da história com recurso visual.
5. **Figura:** Registro das atividades da história apresentada.
6. **Figura:** Jogo da memória com os personagens da história (personagem + sinal em Libras)

3.Resultados e discussão

Desenvolver uma ação desse porte oportunizada pelo PIBID contribuirá com o uso de difusão da Libras e acessibilidade as crianças aprenderem a língua de sinais entendendo que a Libras significa a **voz**³ do sujeito surdo e que ao torna-se usuária, também será capaz de brincar, explicar, vivenciar experiências visuais; ter uma “voz” em outro idioma e não ser apenas um mero reprodutor de símbolo, de sinais. Segundo Sacks “*a linguagem é instrumento perfeito, que lança o individuo ao mundo que ele vive e experimenta*”.

E porque não fazer da escola, de fato, um espaço propício à construção de experiências, de sentidos, de significados, de difusão da acessibilidade?

Nesse espaço é possível realizar atividades úteis e criativas, através do diálogo em Libras e a convivência, os alunos aprendem naturalmente além de conhecer a cultura surda e a comunicação em Libras.

Outro fator importante é a importância do recurso visual facilitar a construção no desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno ouvinte. É fundamental darmos atenção ao ensino de Libras na educação infantil, pois já existem algumas produções traduzidas em Libras que serve para os alunos compreendam os diversos conhecimentos da L2 que é a Libras.

³ Grifo nosso.

Os resultados obtidos mostram a necessidade de uma aprendizagem significativa com sustentação e contribuindo para ampliação de vocabulários com Libras, de forma lúdica através dos materiais com contextualizadas. A Libras envolve os alunos nas produções individuais e coletivas, essas experiências visuais exploram todas as suas potencialidades, e ainda favorece no envolvimento em língua de sinais enriquecendo o processo de aprendizagem educacional do aluno ouvinte.

O ensino de Libras deve ser inserido nas instituições de ensino e cabe o professor utilizar-se de metodologias para o ensino de segunda língua L2 para ensinar Libras aos alunos ouvintes, formando sujeito conhecedor da cultura surda, valorizando assim sua construção de conhecimento (a cultura surda, a língua de sinais/Libras, seu modo de ser, sentir, agir e pensar).

Ressaltamos a importância da educação inclusiva na Educação Infantil, sendo que aprender Libras facilita cada vez mais a vida das crianças com deficiência auditiva. O ensino de LIBRAS na educação infantil é uma forma de incluí-lo como sujeito surdo pertencente a uma sociedade cuja maioria é de ouvinte. Quando a inclusão se dar logo cedo oportunizamos o desenvolvimento mais rápido e também facilitamos a criação de sua identidade própria.

4. Agradecimentos

Agradecemos a Secretaria de Educação Municipal por permitir que realizássemos nossa atividade do PIBID na escola Plínio Mendes e a toda equipe da escola por nos receber durante os meses em que desenvolvemos nossas atividades na sala de Educação Infantil.

5. Referências

BAGNO, M., Marcos, B., Gilles G., Michael S. *Língua materna: Letramento, Variação e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BARJARD, E. *Ler e Dizer: Compreensão e Comunicação do Texto Escrito*. 3ª Ed., São Paulo. Cortez, 2001

GESSER, Audrei. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____ apostila curso letras libras metodologia de ensino de libras como L2. Florianópolis, 2010.

GOMES, Anangélica Moraes. *A Criança em Desenvolvimento: Cérebro, Cognição e Comportamento*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

LODI, Ana Claudia; Lacerda, Cristina Broglia Feitosa: *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2009

MECACCI, Luciano. *Conhecendo o Cérebro*. São Paulo: Nobel, 1987.

QUADROS, R. M. – Alfabetização e o ensino de língua de sinais. Textura, Canoas, n.3, p.53-62. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=23&idart=47>. Acesso em: 10/09/2017.

RICHARDS, Jack.C; *O ensino comunicativo de línguas estrangeiras*. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2006.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes*. Rio de Janeiro: Imago, 1990